

# Translatio

Revista do Núcleo de Estudos de Tradução Olga Fedossejeva  
número 1 -novembro de 1998

# Translatio

Revista do Núcleo de Estudos de Tradução Olga Fedossejeva  
Número 1 - Novembro de 1998

## Conselho Editorial

Edwin Gentzler  
Else Vieira  
Haroldo de Campos  
Heloísa Gonçalves Barbosa  
Ignácio Neiss  
John Milton  
Lúcia Rebello  
Lya Luft  
Maria da Graça Krieger  
Rosemary Arrojo  
Tânia Franco Carvalhal

Translatio/Núcleo de Estudos de Tradução Olga Fedossejeva. IL/UFRGS. Vol. 1, (nov. 1998)-  
Porto Alegre: NET, 1998 -

---v.

Anual

1. Estudos de Tradução. 2. Literatura Comparada. 3. Estudos Culturais.

CDD 418.02

Nos primórdios de Roma, *classicus* designava o cidadão que fazia parte da principal classe, dentre as demais cinco, em que a reforma do censo, cujo autor teria sido Sêrvio Túlio<sup>1</sup>, dividira a população. Paralelamente ao significado sociológico e político, o termo adquire também a idéia de excelência e prestígio. Posteriormente, no século II d.C., o termo surge em um trabalho de Aulo Gêlio - *Noctes Atticae*<sup>2</sup> -, referindo-se à literatura, na expressão *classicus scriptor*, que, na acepção do autor, exprime o conceito de escritor excelente e modelar<sup>3</sup>.

Aplicado à literatura, o termo clássico dá origem à palavra **Classicismo**, movimento que supervalorizava os escritores da Antigüidade greco-latina e que se espalhou pela Europa ao longo dos séculos XV e XVII.

No desenvolver-se da crítica literária, pode-se acompanhar a evolução do conceito de clássico. Por vezes designa os escritores que atingiram a maturidade literária, outras, os escritores modelares; também pode designar apenas os escritores da literatura latina ou grega; aparece, ainda, na antítese clássico/romântico.

---

\* Lúcia Sá Rebello é professora do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas do Instituto de Letras da UFRGS.

<sup>1</sup> Sêrvio Túlio, sexto rei de Roma (578-535 a.C.).

<sup>2</sup> Aulus Gellius, gramático latino (125-175 d.C.), deixou só uma obra, *Noctes Atticae* (Noites Áticas), em 20 livros.

<sup>3</sup> Cf. SILVA, Vitor Manuel de Aguiar e. *Teoria da Literatura*. 2. ed. Coimbra: Almedina, 1968. p. 383.

*Quintus Horatius Flaccus*, ou apenas Horácio, para que nos localizemos temporalmente, foi um escritor latino, do século I a.C., que, junto com Virgílio e Ovídio, tem seu nome ligado à fase clássica ou áurea da literatura latina.

A produção literária de Horácio compreende dois livros de *Sátiras*, uma coletânea de poesias satíricas de conteúdo político e social - os *Épodos* -, quatro livros de *Odes* e dois livros de epístolas, cartas dirigidas aos amigos, sempre com conteúdo didático, evidenciado, sobremaneira, na terceira epístola do livro II, denominada *Ars Poetica*.

Ao nome de Horácio e à sua obra lírica, ligam-se motivos universais que já haviam sido consagrados pela lírica grega. Os mais freqüentes são a brevidade da vida, a inutilidade dos bens terrenos, os enganos do destino, a morte, a incerteza do futuro, a moderação, o valor da vida campestre, o vinho, entre outros.

O tema *carpe diem* aparece na lírica horaciana como uma postura possível para enfrentar a morte e não chegar ao desespero. Segundo o poeta, outras soluções não são possíveis; alimentar esperanças é gerar ilusões, é não ter uma visão realista da condição humana:

## ODE XI

A Leuconoe

Tu ne quaesieris, scire nefas quem mihi, quem tibi  
Finem Di dederint, Leuconoe; nec Babylonios  
Tentaris numeros. Ut melius, quidquid erit, pati!  
Seu plures hiemes, seu tribuit Iuppiter ultimam,  
Quae nunc oppositis debilitat pumicibus mare  
Tyrrhenum, sapias, vina liques, et spatio brevi  
Spem longam reseces. Dum loquimur, fugerit invida

Aetas; carpe diem, quam minimum credula postero.<sup>4</sup>

Não queiras saber, Leuconoe, porque é proibido,  
Que destino os deuses reservaram a mim e a ti;  
Também não vás buscar respostas junto aos magos da Caldéia<sup>5</sup>.  
Melhor será resignarmos com o que vier!  
Talvez muitos sejam os invernos que Júpiter reserva para ti,  
talvez o último seja este que, agora, ameniza a fúria do Mar Tirreno  
contra os rochedos;  
Sábua, filtra o vinho<sup>6</sup> e, para uma vida que é curta, não alimenta grandes esperanças.  
Enquanto falamos, o invejoso tempo voa.  
Vive o dia de hoje, não deposita esperanças no amanhã.<sup>7</sup>

Observe-se, nesta Ode, a presença do destino (vs. 1-4), quando o poeta diz que não é permitido perguntar pelo dia de amanhã, a figuração do tempo como dinâmico através da expressão invida aetas (vs. 7-8), que não permite viver com tranqüilidade e, ainda, a antológica expressão carpe diem (v.8). Estes três elementos corroboram a temática da lírica horaciana de uma postura realista diante da vida.

Assim como o carpe diem, a aurea mediocritas também aparece como tema nuclear nas odes de Horácio, integrando e completando a sua produção lírica. Como um grande conhecedor da natureza humana, cuja condição não permite alimentar esperanças, o poeta preconiza a busca da tranqüilidade e do equilíbrio interior. Essa busca se concretiza através do equilíbrio ou do meio-termo - através de in medio virtus ou aurea mediocritas.

---

<sup>4</sup> Odes, I, 11, 1-8.

<sup>5</sup> No original, Babylonios numeros, ou seja, os cálculos dos astrólogos. Os caldeus dominavam na Babilônia.

<sup>6</sup> Os vinhos, por serem muito espessos, deviam ser filtrados.

<sup>7</sup> Tradução de Lúcia Sá Rebello.

## ODE X

A Licínio

Rectius vives, Licini, neque altum  
Semper urgendo, neque, dum procellas  
Cautos horrescis, nimium premendo  
Litus iniquum.

Auream quisquis mediocritatem  
Diligit, tutus caret obsoleti  
Sordibus tecti, caret invidenda  
Sobrius aula.

Saepius ventis agitur ingens  
Pinus; et celsae graviore casu  
Decidunt turrets; feriuntque summos  
Fulgura montes.

Sperat infestis, metuit secundis,  
Alteram sortem bene praeparatum  
Pectus. Informes hiemes reducit  
Iuppiter, idem

Submovet. Non, si male nunc, et olim  
Sic erit: quondam chitara tacentem  
Suscitat Musam, neque semper arcum  
Tendit Apollo.

Rebus angustis animosus atque  
Fortis appare; sapienter idem  
Contrahes vento nimium secundo

Turgida vela.<sup>8</sup>

Melhor viverás, Licínio, se, ao alto mar, não te arrojares  
e, temendo as tempestades, com cautela,  
evitares aproximar-te em demasia da perigosa orla.

Todo aquele que preservar o justo meio-termo,  
estará seguro, porque livre das misérias de uma sórdida morada  
e, preservado, porque livre de um palácio que desperta inveja.

O vento atinge mais duramente os altos pinheiros,  
as altas torres caem com maior facilidade  
e os raios, sempre, procuram os cumes das montanhas.

O espírito bem preparado, na adversidade,  
alimenta esperanças e, na felicidade, teme  
os azares que possam advir.

É o mesmo Júpiter que traz os invernos,  
que desfiguram a paisagem e, ele próprio,  
os afasta depois.

Se o presente não é bom, não será sempre assim;  
Apolo, por vezes, desperta as mudas cordas de sua cítara,  
nem sempre está com seu arco nas mãos.

Nas situações difíceis, mostra-te forte e bravo;  
Mas com prudência, recolherás as velas, se o vento  
favorável enfuná-las em demasia.<sup>9</sup>

---

<sup>8</sup> Odes, II, 10, 1-24.

<sup>9</sup> Tradução de Lúcia Sá Rebello.

Observe-se que todas as estrofes são constituídas por pares opostos, ressaltando os extremos a serem evitados. Portanto, a postura de Horácio frente à debilidade e a fragilidade humana, em virtude da inevitabilidade da morte e da impossibilidade de uma vida verdadeira *post mortem*, não implica revolta ou desespero, mas, antes, aceitação da vida como ela se apresenta, e da qual o homem deve tirar o máximo de proveito. No entanto, a expressão - tirar máximo proveito - deve ser entendida corretamente. O *carpe diem* de Horácio não deve ser identificado com qualquer atitude que demonstre o desejo de acumular bens terrenos para deles tirar vantagens. Em nome do equilíbrio e da moderação, sempre adverte sobre a inutilidade de acumular riquezas e, ainda, rejeita qualquer tipo de vida esteja desligada do real, que implique fuga ou evasão para a fantasia.

Relevante é ter-se presente que o poeta, freqüentemente, acentua a natureza mortal do homem e das coisas que lhe pertencem - lembremos as odes aqui analisadas e ainda o célebre verso 63 da *Ars Poetica: Debemur morti nos nostraque*<sup>10</sup>, tendo como filosofia de vida o *carpe diem* e a *aurea mediocritas*. Por todas estas razões, a obra de Horácio é inesgotável e imortal, configurando-se como um monumento no conjunto da literatura latina.

---

<sup>10</sup> “Nós e nossa obra estamos fadados à morte”, *Ars Poetica*, v. 63.